



ALVES, Victor Hugo Sampaio. *Kalevala*. Epopeia/poema épico. In: *Revista Épicas*. Ano 4, Número Especial 3, Nov 2020, p. 214-226. ISSN 2527-080X. DOI: <https://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2020vE3>.

KALEVALA EPOPEIA/POEMA ÉPICO

Victor Hugo Sampaio Alves¹
Universidade Federal da Paraíba

1.

A *Kalevala* é a epopeia finlandesa do século XIX, escrita por Elias Lönnrot (1802-1884), médico que viria a se tornar professor de língua e literatura finlandesa na Universidade de Helsinque. Entre os anos de 1828 e 1844, Lönnrot fez onze viagens para diversas províncias do norte e do leste finlandês, registrando e coletando uma série de poemas que circulavam em oralidade no meio campesino dessas regiões, unificando-os, posteriormente, em um mesmo *corpus* que viria a ser conhecido como a *Kalevala*.

De certa maneira, esta epopeia é produto tanto dos temas e motivos mitológicos que, de alguma forma, ainda circulavam na época em que foram registrados e transcritos, quanto fruto de uma empreita assumidamente estética e erudita de Lönnrot; portando, nesse sentido, as marcas e exigências trazidas pelo Período Romântico para que fosse considerada um épico nacional. Desse modo, esta epopeia foi concebida acima de tudo enquanto trabalho de história mítica, língua e memória do

¹ Mestre e doutorando em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), da Sociedade Finlandesa de Literatura (*Suomalaisen Kirjallisuuden Seura/SKS*) e do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP).

povo finlandês, cujo alicerce era o conteúdo mitológico coletado pelo autor – ainda que a *Kalevala* possua diversas alterações e emendas autorais da parte de Lönnrot e não possa ser considerada de forma alguma um retrato completamente fidedigno da mitologia finlandesa ou da religião pré-cristã de seu povo.

Os conteúdos que dariam origem à *Kalevala* eram reminiscências de um gênero de poesia exclusivamente oral, as *runosongs*. *Runo* era um termo ênico, tanto das tradições da Finlândia quanto da Carélia, para designar a poesia e/ou o canto tradicional. A partir do século XVII, a palavra *runo* aparentemente começou a ser adotada para designar, em latim, os poemas tradicionais da Finlândia (*runa, runo*) e manteve-se sendo utilizada em palavras compostas também no idioma finlandês (*runo-nuotti* = melodia runo) e no sueco (*runewijsor* = canções runo). Posteriormente, no século XVIII, o termo *runo* é adotado de forma mais ampla para designar todos os tipos de poema compostos em métrica fínica. A *runosong* é uma tradição poética comum a inúmeros dos povos fínicos: esse sistema poético difundido amplamente entre esses povos detinha uma multifuncionalidade surpreendente e, apesar de se manifestar acima de tudo em canções, também é encontrado em provérbios, charadas, canções de ninar, encantamentos e lamentos. As propriedades poéticas que caracterizam a tradição das *runosongs* fínicas são a métrica trocaica (alternância entre posições de verso fortes e fracas) com quatro posições fortes por verso, e uma persistente ocorrência simultânea de aliteração e paralelismo, semanticamente vinculadas.

Muitos desses poemas e cantos épicos eram indissociáveis de contextos performáticos intrinsecamente relacionados a rituais, magias e encantamentos, praticados na Finlândia moderna pelos *tietäjät* (em finlandês, “aquele que sabe”), que atuavam como especialistas em rituais, detentores de uma herança cultural pós-xamânica. Apesar disso, outras performances desses poemas também se davam em contextos de eventos sociais diversos e de entretenimento. Evitamos a tradução de *runo* como *runa*, tanto para manter acessível o vernáculo que designa essa tradição, quanto para evitar confusões em relação ao que o termo “runa” designa no mundo germânico-escandinavo, algo que difere completamente do universo fínico.

Em 1828, Lönnrot começou suas expedições de coleta das *runosongs*. Os primeiros lugares que visitou foram a Carélia Finlandesa e a Arcangel Carélia, depois da fronteira, onde a semelhança dialetal entre os idiomas falados e o finlandês era maior

e, além disso, onde grande parte das populações era de imigrantes finlandeses. As viagens feitas por Lönnrot entre os anos de 1832-1837, para além das fronteiras finlandesas, dentro da região da Carélia, foram as mais importantes a nível de constituição do *corpus kalevalaico*, fornecendo o cerne das principais narrativas presentes na obra.

Existem na verdade 5 versões diferentes da *Kalevala*. As duas primeiras, coletadas e organizadas em 1833, não foram publicadas na época, mas apenas posteriormente, em 1891. A primeira delas continha algumas *runosongs* a respeito de *Väinämöinen*, *Lemminkäinen* e alguns poemas do ciclo do “frequentador de casamentos”, possuindo 3.191 versos. A segunda consistia em uma coleção de poemas sobre *Väinämöinen*, contendo 5.052 versos e agora apresentando a divisão em 16 cantos. Essa versão é conhecida, hoje, como a *Proto-Kalevala*. Em 1834-1835 surge a coleção *Canções Antigas da Carélia a Respeito dos Tempos Antigos do Povo da Finlândia*, chamada também de *Kalevala Antiga*, que apresentava 32 cantos e 12.078 versos. Finalmente, em 1849 é publicada a *Nova Kalevala*, agora contendo impressionantes 50 cantos e 22.795 versos. A versão que chegou até nós nos dias de hoje, se consolidou e é amplamente discutida e analisada é justamente essa *Nova Kalevala*, conhecida simplesmente por *Kalevala*. Em 1862 foi publicada também uma versão reduzida de 9.732 versos, que visa a leitura por parte do público infanto-juvenil em escolas.

É basicamente um consenso afirmar que a *Kalevala* se trata de uma epopeia mítica e xamanística. Assim, apesar de constituir uma epopeia, seu enfoque não se encontra nas narrativas de feitos heroicos no sentido estrito da palavra, mas no desenrolar de peripécias que exigem, muitas vezes, soluções buscadas por meio da empreita xamânica, ou seja, na obtenção de soluções e conhecimentos advindos do mundo dos mortos. Esta fronteira é, então, cruzada por alguém vivo (no caso da *Kalevala*, cruzando as águas do rio *Tuonela*, que separa o mundo dos vivos daquele dos mortos). Essa fronteira é várias vezes vencida por *Väinämöinen*, o protagonista da obra, que encarna a figura do demiurgo e do herói cultural; e por vezes também por *Lemminkäinen*, que frequentemente se aventura no reino dos mortos visando se casar com uma de suas habitantes (e se vendo obrigado a cumprir inúmeros desafios para que obtenha tal permissão). O enredo principal da *Kalevala* gira em torno da disputa entre os heróis do épico, os “filhos da terra de *Kaleva*” - ancestrais míticos dos finlandeses - e

os habitantes de *Pohjola*, ao extremo norte, uma terra de escuridão repleta dos perigos propiciados pela magia, governado por *Louhi*, uma poderosa feiticeira. O principal motivo de disputa entre os dois reinos é pela posse do *Sampo*, artefato mágico confeccionado pelo ferreiro cósmico *Ilmarinen* que é capaz de conferir prosperidade e riquezas infindáveis a seu dono.

Há uma tradução do primeiro canto da *Kalevala* para o português brasileiro, realizada por José Bizerril & Álvaro Faleiros (2015). Infelizmente, este representa uma parte ínfima da obra. Outra alternativa é a tradução, esta na íntegra, realizada ao português europeu por Merja de Mattos-Parreira & Ana Isabel Soares (2013). Os leitores de inglês podem buscar as traduções de William Forsell Kirby (1907) e a mais atual, de Keith Bosley (1989), que visaram preservar, tanto quanto possível, também a métrica *kalevalaica*. Há também a versão em inglês de John Martin Crawford (1888), feita a partir da tradução para o alemão. Vale ressaltar que todas essas são traduções da *Nova Kalevala*. Uma tradução da *Kalevala Antiga* foi feita para o inglês por Francis Peabody Magoun (1969), adaptada em prosa.

Elias Lönnrot e sua *Kalevala* viriam a exercer enorme influência cultural sobre outros pequenos países do Báltico que também almejavam a emancipação política por meio da criação e resgate de uma identidade nacional que fosse baseada nos feitos gloriosos de seus ancestrais, investidos como elemento de recusa da identidade de seus colonizadores. Exemplos claros e diretos dessa influência são a *Kalevipoeg* estoniana e a *Lāčplēsis* da Letônia.

2.

Kalevala es la epopeya finlandesa del siglo XIX, escrita por Elias Lönnrot (1802-1884), un médico que se convertiría en profesor de lengua y literatura finlandesas en la Universidad de Helsinki. Entre 1828 y 1844, Lönnrot realizó once viajes a diversas provincias del norte y este de Finlandia, registrando y recopilando una serie de poemas que circularon oralmente en el campesinado de estas regiones, unificándolos posteriormente en el mismo corpus que llegaría a ser conocido como *Kalevala*.

En cierto modo, esta epopeya es producto tanto de los temas mitológicos como de los motivos que, de alguna manera, todavía circulaban en el momento en que fueron grabados y transcritos, como resultado de una empresa reconocidamente estética y

erudita de Lönnrot; por tanto, las marcas y requisitos que trajo el Periodo Romántico para ser considerada una epopeya nacional. De esta manera, esta epopeya fue concebida sobre todo como una obra de historia mítica, lenguaje y memoria de Los finlandeses, cuya base fue el contenido mitológico recopilado por el autor, aunque *Kalevala* tiene varias alteraciones y esfuerzos de autor de Lönnrot y no puede considerarse de ninguna manera un retrato completamente confiable de la mitología finlandesa o la religión precristiana de su personas.

Los contenidos que darían origen a *Kalevala* recordaban a un género de poesía exclusivamente oral, las *runosongs*. *Runo* era un término emic, de las tradiciones finlandesa y de Carelia, para designar la poesía y/o el canto tradicionales. A partir del siglo XVII, la palabra runo aparentemente comenzó a usarse para designar, en latín, los poemas tradicionales de Finlandia (*rune*, runo) y continuó usándose en palabras compuestas también en lengua finlandesa (*runo-nuotti* = melodía runo) y sueco (*runewijsor* = canciones runo). Posteriormente, en el siglo XVIII, el término runo se adopta más ampliamente para designar todos los tipos de poemas compuestos en métrica fina. Runosong es una tradición poética común a muchos de los pueblos finlandeses: este sistema poético extendido entre estos pueblos tuvo una sorprendente multifuncionalidad y, aunque se manifiesta sobre todo en canciones, también se encuentra en refranes, acertijos, canciones de cuna, encantamientos y lamentos. Las propiedades poéticas que caracterizan la tradición de las bellas canciones son la métrica *trocaica* (alternancia entre posiciones de verso fuerte y débil) con cuatro posiciones fuertes por verso, y una persistente ocurrencia simultánea de aliteración y paralelismo, semánticamente vinculados.

Muchos de estos poemas y cantos épicos eran inseparables de contextos de interpretación intrínsecamente relacionados con los rituales, hechizos y encantamientos, practicados en la Finlandia moderna por *Tietäjä* (en finlandés, "el que sabe"), que actuaba como expertos en rituales y poseía una herencia post-chamánico. A pesar de esto, otras representaciones de estos poemas también tuvieron lugar en el contexto de diversos eventos sociales y de entretenimiento. Evitamos la traducción de *runo* como runa, tanto para mantener accesible la lengua vernácula que designa esta tradición, como para evitar confusiones con respecto a lo que el término "runa" designa

en el mundo germano-escandinavo, algo que difiere completamente del universo finlandés.

En 1828, Lönnrot comenzó sus expediciones de recolección de canciones. Los primeros lugares que visitó fueron la Karelia Finlandesa y Arcangel Karelia, después de la frontera, donde la similitud dialectal entre las lenguas habladas y el finlandés era mayor y, además, donde una gran parte de la población eran inmigrantes finlandeses. Los viajes realizados por Lönnrot entre 1832-1837, más allá de las fronteras finlandesas, dentro de la región de Karelia, fueron los más importantes en cuanto a constituir el corpus Kalevalaic, proporcionando el núcleo de las principales narrativas presentes en la obra.

En realidad, hay 5 versiones diferentes de *Kalevala*. Las dos primeras, recopiladas y organizadas en 1833, no se publicaron en ese momento, sino más tarde, en 1891. La primera contenía algunos runosongs sobre Väinämöinen, Lemminkäinen y algunos poemas del ciclo "Wedding Goer", con 3.191 versos. La segunda consistió en una colección de poemas sobre Väinämöinen, que contiene 5.052 versos y ahora presenta la división en 16 cantos. Esta versión se conoce hoy como *Proto-Kalevala*. En 1834-1835 aparece la colección *Canciones Antiguas de la Karélia con respecto a los Tiempos Antiguos del Pueblo de Finlandia*, también llamada *Kalevala Antiga*, que incluía 32 canciones y 12.078 versos. Finalmente, en 1849 se publica la *Nova Kalevala*, que ahora contiene la impresionante cantidad de 50 canciones y 22,795 versos. La versión que nos ha llegado hoy, que se ha consolidado y es ampliamente debatida y analizada es precisamente esta *Nueva Kalevala*, conocida simplemente como *Kalevala*. En 1862 también se publicó una versión reducida de 9.732 versos, que tiene como objetivo la lectura por parte de niños y jóvenes en las escuelas.

Básicamente, es un consenso decir que *Kalevala* es una epopeya mítica y chamánica. Así, a pesar de ser una epopeya, su foco no se encuentra en las narrativas de hechos heroicos en el sentido estricto de la palabra, sino en el desenvolvimiento de aventuras que muchas veces requieren de soluciones buscadas a través de la empresa chamánica, es decir, en la obtención de soluciones. y conocimiento del mundo de los muertos. Esta frontera es luego cruzada por alguien vivo (en el caso de Kalevala, cruzando las aguas del río Tuonela, que separa el mundo de los vivos del de los muertos). Esta frontera es superada repetidamente por Väinämöinen, el protagonista de la obra,

que encarna la figura del demiurgo y el héroe cultural; ya veces también por Lemminkäinen, quien a menudo se aventura en el reino de los muertos para casarse con uno de sus habitantes (y está obligado a cumplir numerosos desafíos para obtener tal permiso). La trama principal de *Kalevala* gira en torno a la disputa entre los héroes de la epopeya, los “hijos de la tierra de Kaleva” – ancestros míticos de los finlandeses – y los habitantes de Pohjola, en el extremo norte, una tierra de tinieblas llena de los peligros que brinda la magia, gobernada por Louhi, una poderosa hechicera. El principal motivo de la disputa entre los dos reinos es la posesión de Sampo, un artefacto mágico realizado por el herrero cósmico Ilmarinen que es capaz de conferir prosperidad y riqueza sin fin a su dueño.

Hay una traducción de la primera canción de *Kalevala* al portugués brasileño, interpretada por José Bizerril & Álvaro Faleiros (2015). Desafortunadamente, esto representa una pequeña parte del trabajo. Otra alternativa es la traducción, esta en su totalidad, realizada en portugués europeo por Merja de Mattos-Parreira & Ana Isabel Soares (2013). Los lectores ingleses pueden buscar traducciones de William Forsell Kirby (1907) y la más actual, de Keith Bosley (1989), que pretendía preservar, en la medida de lo posible, también a la métrica *kalevalaic*. También existe la versión en inglés de John Martin Crawford (1888), hecha a partir de la traducción al alemán. Vale la pena mencionar que todas estas son traducciones del *Nuevo Kalevala*. Francis Peabody Magoun (1969) hizo una traducción del Antiguo Kalevala al inglés, adaptada en prosa. Elias Lönnrot y su *Kalevala* llegarían a ejercer una enorme influencia cultural en otros pequeños países bálticos que también apuntaban a la emancipación política mediante la creación y rescate de una identidad nacional que se basaba en las gloriosas hazañas de sus antepasados, investidas como elemento de rechazo de la identidad de sus colonizadores. Ejemplos claros y directos de esta influencia son la *Kalevipoeg* estonia y la *Lāčplēsis* de la Letonia.

(Versión en español por Christina Ramalho)

3.

Kalevala est l'épopée finlandaise du XIXe siècle, écrite par Elias Lönnrot (1802-1884), un médecin qui devait devenir professeur de langue et de littérature finlandaises à l'Université d'Helsinki. Entre les années 1828 et 1844, Lönnrot fit onze voyages dans

plusieurs provinces du nord et de l'est de la Finlande, enregistrant et rassemblant une série de poèmes qui circulèrent oralement dans la paysannerie de ces régions, les unifiant par la suite dans le même corpus que serait connu sous le nom de *Kalevala*.

D'une certaine manière, cette épopée est le produit à la fois des thèmes mythologiques et des motifs qui circulaient encore au moment de leur enregistrement et de leur transcription, résultat d'une entreprise certes esthétique et savante de Lönnrot; par conséquent, les marques et les exigences apportées par la période romantique à être considérée comme une épopée nationale. Alors, cette épopée a été conçue avant tout comme une œuvre d'histoire mythique, de langage et de mémoire de Peuple finlandais, dont le fondement était le contenu mythologique recueilli par l'auteur – bien que *Kalevala* ait plusieurs modifications et tentatives d'auteur de Lönnrot et ne puisse en aucun cas être considéré comme un portrait complètement fiable de la mythologie finlandaise ou de la religion préchrétienne de son gens.

Les contenus qui donneront naissance à *Kalevala* rappellent un genre de poésie exclusivement orale, les runosongs. *Runo* était un terme émiq, issu des traditions finlandaise et carélienne, pour désigner la poésie et/ou le chant traditionnels. À partir du 17ème siècle, le mot *runo* a apparemment commencé à être utilisé pour désigner, en latin, les poèmes traditionnels de la Finlande (*rune*, *runo*) et il a continué à être utilisé dans des mots composés également en langue finnoise (*runo-nuotti* = melody *runo*) et suédois (*runewijsor* = chansons *runo*). Par la suite, au XVIIIe siècle, le terme *runo* est plus largement adopté pour désigner tous les types de poèmes composés en métrique fine. Le *runosong* est une tradition poétique commune à de nombreux peuples finlandais: ce système poétique répandu parmi ces peuples avait une surprenante multifonctionnalité et, bien qu'il se manifeste surtout dans les chansons, on le retrouve aussi dans les proverbes, les énigmes, les berceuses, les incantations. et se lamente. Les propriétés poétiques qui caractérisent la tradition des chants runiques fins sont la métrique trochique (alternance entre les positions de vers forts et faibles) avec quatre positions fortes par vers, et une occurrence simultanée persistante d'allitération et de parallélisme, sémantiquement liées.

Beaucoup de ces poèmes et chants épiques étaient inséparables des contextes de performance intrinsèquement liés aux rituels, aux sorts et aux incantations, pratiqués dans la Finlande moderne par les *tietäjät* (en finnois, «celui qui sait»), qui agissaient en

tant que spécialistes des rituels, possédant un héritage post-chamanique. Malgré cela, d'autres représentations de ces poèmes ont également eu lieu dans le contexte de divers événements sociaux et de divertissement. Nous évitons la traduction de rune par runa, à la fois pour garder accessible la langue vernaculaire qui désigne cette tradition, et pour éviter toute confusion sur ce que le terme «runa» désigne dans le monde germano-scandinave, quelque chose qui diffère complètement de l'univers finlandais.

En 1828, Lönnrot a commencé ses expéditions de collection runosong. Les premiers endroits qu'il a visités étaient la Carélie finlandaise et la Carélie Arcangel, après la frontière, où la similitude dialectale entre les langues parlées et le finnois était la plus grande et, en outre, où une grande partie de la population était constituée d'immigrants finlandais. Les voyages effectués par Lönnrot entre les années 1832-1837, au-delà des frontières finlandaises, dans la région de Carélie, ont été les plus importants en termes de constitution du corpus *kalevalaic*, fournissant le noyau des principaux récits présents dans l'œuvre.

Il existe en fait 5 versions différentes de *Kalevala*. Les deux premières, rassemblés et organisés en 1833, ne furent pas publiés à l'époque, mais seulement plus tard, en 1891. La première contenait des chants runiques sur Väinämöinen, Lemminkäinen et quelques poèmes du cycle des «marcheurs», avec 3 191 versets . La deuxième consistait en un recueil de poèmes sur Väinämöinen, contenant 5 052 vers et présentant maintenant la division en 16 chant. Cette version est connue aujourd'hui sous le nom de *Proto-Kalevala*. En 1834-1835, apparaît la collection *Chants anciens de Carélie sur les temps anciens du peuple finlandais*, également appelée *Kalevala Ancienne*, qui comprenait 32 chants et 12 078 vers. Enfin, en 1849, la *Nouvelle Kalevala* est publié, contenant désormais 50 chants et 22 795 vers. La version qui nous est parvenue aujourd'hui, qui s'est consolidée et qui est largement discutée et analysée est précisément ce *Nouvelle Kalevala*, simplement connu sous le nom de *Kalevala*. En 1862, une version réduite de 9 732 versets a également été publiée, qui vise à la lecture par les enfants et les jeunes dans les écoles.

C'est fondamentalement un consensus pour dire que *Kalevala* est une épopée mythique et chamanique. Ainsi, bien qu'épopée, elle ne se concentre pas sur les récits d'actes héroïques au sens strict du terme, mais sur le déroulement d'aventures qui nécessitent souvent des solutions recherchées à travers l'entreprise chamanique, c'est-

à-dire dans l'obtention de solutions. et la connaissance du monde des morts. Cette frontière est ensuite franchie par une personne vivante (dans le cas de *Kalevala*, traversant les eaux de la rivière Tuonela, qui sépare le monde des vivants de celui des morts). Cette frontière est maintes fois dépassée par Väinämöinen, le protagoniste de l'œuvre, qui incarne la figure du démiurge et du héros culturel; et parfois aussi par Lemminkäinen, qui s'aventure souvent dans le royaume des morts pour épouser l'un de ses habitants (et doit relever de nombreux défis pour obtenir une telle permission). L'intrigue principale de *Kalevala* tourne autour de la dispute entre les héros de l'épopée, les «fils du pays de Kaleva» – ancêtres mythiques des Finlandais – et les habitants de Pohjola, dans l'extrême nord, une terre de ténèbres pleine des dangers que représente la magie, dirigée par Louhi, une puissante sorcière. La principale raison du différend entre les deux royaumes est la possession de Sampo, un artefact magique fabriqué par le forgeron cosmique Ilmarinen qui est capable de conférer à son propriétaire prospérité et richesse infinie.

Il y a une traduction du premier chant de *Kalevala* en portugais brésilien, interprétée par José Bizerril & Álvaro Faleiros (2015). Malheureusement, cela ne représente qu'une infime partie du travail. Une autre alternative est la traduction, dans son intégralité, réalisée en portugais européen par Merja de Mattos-Parreira et Ana Isabel Soares (2013). Les lecteurs anglais peuvent rechercher des traductions de William Forsell Kirby (1907) et la plus récente, de Keith Bosley (1989), qui visait à préserver, autant que possible, la métrique *kalevalaic*. Il existe également la version anglaise de John Martin Crawford (1888), réalisée à partir de la traduction allemande. Il est à noter que ce sont toutes des traductions de la *Nouvelle Kalevala*. Une traduction de l'*Ancienne Kalevala* a été faite en anglais par Francis Peabody Magoun (1969), adaptée en prose.

Elias Lönnrot et sa *Kalevala* en viendraient à exercer une énorme influence culturelle sur d'autres petits pays baltes qui visaient également l'émancipation politique à travers la création et le sauvetage d'une identité nationale basée sur les actes glorieux de leurs ancêtres, investis comme élément de refus d'identité de ses colonisateurs. Des exemples clairs et directs de cette influence sont la *Kalevipoeg* estonienne et la *Lāčplēsis* lettone.

(Version française par Christina Ramalho)

4.

Kalevala is the Finnish epic, written in the 19th century by Elias Lönnrot (1802-1884), a physician who would later become professor of Finnish language and literature in the University of Helsinki. Between the years of 1828 and 1844, Lönnrot took eleven field trips to innumerable provinces in the north and east of Finland, collecting a series of oral poems which were still alive in the customs of the peasants in these regions. He would later gather all these poems into the same *corpus*, giving birth to what would be known as the *Kalevala*.

In a way, this epic is a product of both the product of the themes and mythological motifs that were still circulating in the folk traditions of the time, and of Lönnrot's endeavor as an author. This last aspect is especially true when we notice the Romantic demands to consider a work as worthy of being called a national epic. Therefore, the *Kalevala* was conceived above all as a work of mythical history, language and memory of the Finnish people, whose foundations were the mythological contents collected by Lönnrot from the folk people, even if the *Kalevala* contains many alterations, interpolations and the like, on Lönnrot's part, and it cannot be considered a reliable portrait of Finnish mythology or pre-Christian religion.

The contents that have given birth to the *Kalevala* were reminiscent of a type of oral poetry named *runosongs*. The word *runo* was and is a term used to designate these oral poetic traditions found in Finland and in Karelia. From the 17th century on, the term started to be used to designate, in Latin, Finland's traditional poems (*runa*, *runo*) and it also kept being used in Finnish (*runo-nuotti* = *runo* melody) and in Swedish (*runewijsor* = *runo* songs). Later, during the 18th century, the term *runo* began to refer basically to all kinds of poem composed in the Finnic metre. *Runosong* is a poetic tradition belonging to many Finnic peoples: this poetic system is broadly found between these peoples, presenting a surprising multi-functionality. It is found mainly in oral poems, but also in proverbs, charades, lullabies, charms and laments. The metric properties characterizing the *runosongs* are the trochaic metre, containing four strong positions per verse, and a persistent simultaneous occurrence of alliteration and parallelism, semantically related.

Many of these poems and epic chants were indissociable from performative contexts related to rituals, magic and charms, practiced in modern Finland by the *tietäjät*

(‘the one who sees’), who were ritual specialists, bearers of a post-shamanic tradition. In spite of that, other performances in which these poems were sung include non-religious acts, but social events and entertainment. Lönnrot began his expedition to collect the *runosongs* in 1828. The first places he visited were Archangel Karelia and Finnish Karelia, after the border, where the similarities between the language spoken by the peasants and Finnish were higher, and a great part of the population was composed of immigrants from Finland who had settled there. The trips Lönnrot took between the years of 1832-1837, beyond the border and deeper into Karelia are considered the most important ones, where he collected a great part of the poems which would come to constitute the *Kalevala*. The main narratives present in the epic were collected there.

There are in fact 5 versions of the *Kalevala*. The two first ones, collected and organized in 1833, were not published at that time, but only later, already in 1891. The very first contained a few *runosongs* about *Väinämöinen*, *Lemminkäinen* and a few poems from the cycle known as the “wedding wooer”, and had 3.191 verses. The second version consisted in a collection of poems heavily focused on *Väinämöinen*, now containing 5.052 verses and divided in 16 cycles. This version is known today as *Proto-Kalevala*. In 1835 the *Old Kalevala* is published, presenting 12.078 verses and 32 cycles. Finally, in 1849 the *New Kalevala* is published, now containing the impressive amount of 22.795 verses divided into 50 cycles. The most popular and known version of the *Kalevala* today is this one. Also, in 1862 a smaller version containing 9.732 was published as youth literature.

It is basically a consensus affirming that the *Kalevala* is a mythic and shamanistic epic. Despite the fact that it contains indeed heroic tales, this is not the epic’s main concern. Instead, it focuses in the adventures that happen when its main heroes are seeking solutions and knowledge from the otherworld, where the dead live. This frontier is transposed by someone alive who should not be there, mainly by *Väinämöinen*, the lead character, and sometimes by *Lemminkäinen*, a reckless hero who tends to adventure to the world of the dead seeking for a wife. The main plot of the *Kalevala* focuses in a dispute between the heroes of the epic, the ‘sons of *kaleva*’ – the mythical ancestors of the Finnish people – and the inhabitants of *Pohjola*, located in the extreme North, a dark land of magic ruled by a powerful witch named *Louhi*. The main reason for

such a dispute is the magical artefact *sampo*, confected by the cosmic artisan *Ilmarinen*, which can bring endless prosperity to its owners.

There is a translation of the *Kalevala's* first cycle in Brazilian Portuguese by José Bizerril and Álvaro Faleiros (2015). Unfortunately, this represents only a tiny part of the epic. Another alternative for the Brazilian audience is the complete translation in European Portuguese by Merja de Mattos-Parreira and Ana Isabel Soares (2013). English readers may look for the translation by William Forsell Kirby (1907) and the one by Keith Bosley (1989), which sought to preserve, as much as possible, the *kalevalaic* metre. There is also a translation to English made from the German version by John Martin Crawford (1888). All these are translations of the *New Kalevala*. The *Old Kalevala* was translated to English by Francis Peabody Magoun (1969), although in prose.

Elias Lönnrot and the *Kalevala* had a huge influence in other Baltic countries which were also searching for political and cultural emancipation through the creation of a national epic based in the glorious deeds of its ancestors. Clear examples of such are Estonian epic poem *Kalevipoeg* and the Latvian *Lāčplēsis*.

Referências/Referencias/Références/References

FROG. Lemminkäinen's Death in the Labyrinth of History. In: MATTEO, Vesa; FROG [Ed.]. **Kalevala: Epic, Magic, Art and Music**. Viterbo: Bifröst, 2014, p. 383-413.

HONKO, Lauri. The Kalevala as Performance. In: HONKO, Lauri [Ed.]. **The Kalevala and the World's Traditional Epics**. Tampere: Finnish Literature Society, 2002, p. 13-26.

HONKO, Lauri. The Kalevala: The Processual View. In: HONKO, Lauri [Ed.]. **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990b, p. 181-230.

HONKO, Lauri. The Kalevala: Problems of Interpretation and Identity. In: HONKO, Lauri [Ed.]. **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990c, p. 555-577.

KALLIO, Kati; FROG; SARV, Mari. What to Call the Poetic Form – Kalevala-Meter or Kalevalaic Verse, regivärss, Runosong, the Finnic Tetrameter, Finnic Alliterative Verse or Something Else?. In: **The Retrospective Methods Network**, Helsinki: n. 12-13, p. 139-161, 2017.

LAUGASTE, Eduard. The Kalevala and Kalevipoeg. In: HONKO, Lauri [Ed.]. **Religion, Myth and Folklore in the World's Epics: The Kalevala and its Predecessors**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1990, p. 265-286.

PENTIKÄINEN, Juha. **Kalevala Mythology: Expanded Edition**. Indiana: Indiana University Press, 1999.